



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADE**

O Carnaval Angolano e a Construção da Identidade Nacional

Marco Hemingway de Almeida

**REDEÇÃO
2014**

Marco Hemingway de Almeida

O Carnaval Angolano e a Construção da Identidade Nacional

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção de Título de bacharel em humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião André Alves de Lima Filho

**REDENÇÃO
2014**

Marco Hemingway de Almeida

O Carnaval Angolano e a Construção da Identidade Nacional

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em humanidades.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sebastião Alves de Lima – Orientador - Unilab

Prof. Dr. Carlos subuhana– Examinador - Unilab

Prof. Dr. Carlos Kleber Saraiva de Souza -UFC

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

**Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

Almeida, Marco Hemingway de.

A194c

O carnaval Angolano e a Construção da Identidade Nacional. / Marco Hemingway de Almeida. – Redenção, 2014.

67 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião André Alves de Lima Filho.
Inclui Figuras e Referências.

1. Etnologia - Angola. 2. Carnaval – Angola. I. Título.

CDD 967.3

DEDICATÓRIA

Frederick Herzberg

“A verdadeira motivação vem da realização, desenvolvimento pessoal, satisfação no trabalho e reconhecimento”.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui agradecer a inúmeras pessoas que desde sempre acreditaram em mim, dando seu apoio e incentivo para não desistir e continuar a escrever. Ao meu orientador professor doutor Sebastião André Alves de Lima pelo apoio e por estar sempre presente me orientado com conselhos e incentivos, teve sempre muita paciência comigo, foi graças a ele que este trabalho esta concluído.

Aos meus caros amigos Jorge, Tamiltom e Daniellen por servirem de revisores do texto, aos meus colegas de todas as nacionalidades que de certa forma participaram direta ou indiretamente no meu trabalho so tenho a dizer-lhes um muito obrigado por terem feito parte da minha formação.

A pessoa mais importante deste mundo pra mim a minha mais que tudo sra Elizabeth Helena de Almeida minha mãe, para essa sra palavras nunca vão ser suficientes para agradecer tudo que ela faz por mim, e que vai continuar fazendo sem duvidas. A universidade e aos professores por me conceder a oportunidade de cursar um ensino superior de qualidade.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso pretende através de uma abordagem historico-social investigar a construção da identidade cultural e nacional angolana a partir do carnaval e a sua contribuição para formação da nação. Trarei alguns elementos ou personagens que fizeram parte da construção da identidade cultural em Angola, descrevendo as comemorações como parte importante para afirmação da identidade nacional. Fiz uma abordagem sobre como a identidade nacional foi construída em Angola a partir de aspetos como o carnaval, as danças, as músicas, as tradições, os costumes.

Palavras chaves: Angola, Identidade nacional, Carnaval angolano

Sumário

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
1. ORIGEM DE ANGOLA.....	11
2. IDENTIDADE NACIONAL.....	13
2.1 Nação.....	18
3. ORIGENS DO CARNAVAL.....	19
3.1 Surgimento do Carnaval em Angola	20
3.2 O Carnaval na era colonial	24
3.3 Os Bailes de Carnaval na era Colonial.....	29
3.4 Paralisação do carnaval em Angola	31
3.5 O carnaval da vitória	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso faz uma análise do carnaval angolano e sua contribuição para a afirmação da identidade nacional e cultural. A investigação é feita em dois períodos da história angolana. O primeiro período do estudo compreende Angola sob o domínio colonial; e o segundo analisa o papel do carnaval no contexto pós-colonial.

O interesse em pesquisar o carnaval em Angola surgiu a partir das leituras que fiz sobre o “Carnaval da Vitória”. Tal evento foi profundamente influenciado pela luta de Independência angolana que deu o título ao carnaval nacional no ano 1975.

No decorrer deste trabalho vou responder questões como: qual é a origem do carnaval em Angola? Quem eram os integrantes dos grupos carnavalescos? De que bairros eles viam? Como eram, e quais eram essas danças? Quais eram as representações feitas? E de que forma o carnaval ajudou a formar uma identidade nacional?

O carnaval é uma das manifestações culturais que contribuiu e contribui ainda hoje para afirmação da identidade nacional angolana. Esta festividade teve um papel importante para construção do nacionalismo angolano, isto também porque o carnaval de Angola faz parte de uma das manifestações culturais mais importantes dentro do território nacional.

Para buscar respostas para as perguntas acima mencionadas terei como base teses de mestrado, monografias, artigos, livros, blogs, e pesquisas na internet para entender como se dava as comemorações do carnaval em Angola, e como ela de certo modo influenciou a ideia de identidade cultural e nacional no povo angolano.

A maior limitação para a realização desta pesquisa foi o acesso limitado a dados e informações detalhadas a respeito do carnaval em Angola, que seriam de suma importância para o conhecimento aprofundado do tema.

O tema que desenvolvo neste trabalho está ligado a Angola, e a bibliografia necessária foi difícil de conseguir pela questão da distância em que me encontro para realizá-las. Pretendo mostrar por meio de pesquisa literária disponível como o carnaval em Angola foi um dos caminhos utilizados para afirmação da identidade nacional e cultural, e com isso conhecer a história do carnaval em Angola desde as suas origens até os dias atuais.

Esta pesquisa tem como método de estudo às manifestações culturais existentes dentro do carnaval angolano e como o mesmo influenciou na construção da identidade nacional e cultural angolana.

Vou desenvolver este trabalho usando o método investigativo qualitativo, que segundo Yin (2001) baseia-se na investigação, ou seja, “um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente, e onde múltiplas fontes de evidências são utilizadas”. (YIN, 2001, p.32 apud DUARTE).

Em geral esses estudos sobre a identidade e o carnaval angolano visa dar a conhecer o porquê, e o “como” das questões sobre o objeto de estudo, evidenciando o carácter singular da unidade e da cultura angolana.

Capítulo I Origens de Angola

Segundo Ponte (2007), o nome Angola tem raízes no termo Ngola que era título de um dos potentados Ambundos que existia no antigo reino do Ndongo, que se situava entre o Anzele ou Ambaca, e Pungo Andongo cidades estas que hoje encontramos nas províncias do Bengo, Kwanza Norte, Kwanza Sul, e Malanje no tempo da expansão marítima dos portugueses sobre o reino do Ndongo isso na segunda metade do século XVI.

podemos falar a respeito da formação do nome Angola sem falar dos Reis e Reinos de Angola que na época em que os portugueses pensavam descobrir Angola, ela já existia mais com uma forma diferente de organização. No território “descoberto” pelos portugueses já existia um modelo de governo em que o Rei era Ngola A Kiluange, e que foi o líder do potenteado mais destacado do antigo reino do Ndongo, e era mais conhecido como Ngola A Kiluange Inine, também chamado de grande Ngola.

O Rei Ngola Kiluange foi o indivíduo que fundou a dinastia, que mais tarde passou a ser conhecida como reino de Angola, e que dentro do mesmo coexistiam outros distritos, como da Lelamba, do Lumbo, do Hari, da Quissama, do Haku, e do Musseke.

Depois da chegada dos portugueses em 1626 no antigo reino do Congo, Ndongo etc, esses tiveram que lutar para a conquista dos reinos que existiam naquele território, depois dessas conquistas os colonizadores passaram a denominar aquele espaço como Angola, e este passou a ser uma extensão de Portugal em África como outras colônias que já haviam conquistado.

Depois de muito se falar sobre o termo Ngola, vem à questão: de onde surgiu o mesmo? Surgiu da palavra “Ngolo”, que vem do kimbundo, língua falada maioritariamente no norte de Angola, ou seja, pelos povos Ambundos, significa força, o mesmo termo em outra língua nacional, kicongo língua do povo Bacongo, que significa robustez, força, fortaleza, etc. Por isso reino do Ngola passou a ser chamado de Angola pelos colonizadores portugueses.

A República de Angola é depois do Congo Ex-Zaire o maior país ao sul do Saara com uma área de 1.246.700 km², foi uma república colonizada por quinhentos anos pelos portugueses, Angola esta situada na costa ocidental de África em frente ao Brasil, e tem as suas fronteiras ao norte com a república popular do Congo, a nordeste com a república

democrática do Congo, a leste com a Zâmbia, e ao sul com a república da Namíbia; O território nacional tem um comprimento de 1.277 km² no sentido norte/sul e 1.236 km² a leste e a oeste em fronteira marítima tem 1.680 km e terrestre 4.928km².

Quando os portugueses invadiram o território angolano entraram pelo que é hoje o território baçongo, que atualmente faz parte a província do Zaire no norte de Angola. Nessa província de Angola na época da chegada dos colonizadores portugueses já tinham certo conhecimento sobre o povo que aí habitava, também já sabiam que a sua entrada naquele território não seria fácil, porque as pessoas que habitavam já tinham praticas de metalurgia, já transformavam ferro em instrumentos para guerra e etc.

Em três de Maio de 1560 Paulo Dias de Novais desembarcou na barra do rio Kwanza, a partir daí a ocupação portuguesa em Angola se efetivou de uma maneira mais clara e rápida, mais isso aconteceu mais propriamente a partir do século XVI. Esses portugueses quando chegaram, criaram intrigas entre as etnias e grupos sociais que existiam em Angola, a fim de promover uma guerra entre as mesmas para poderem ter acesso a escravos e terem o caminho aberto para avançar no território nacional.

Mais eles não foram tão bem sucedidos, porque apesar das batalhas entre as etnias houve muita resistência contra o avanço das tropas coloniais, mais essas resistências não foram suficientes para travar essa penetração das tropas, visto que elas eram já bem equipadas com armas de fogo material balístico e tecnologias a guerra era injusta e desigual, apesar da bravura dos angolanos nada adiantou contra a ocupação colonial dos portugueses.

Angola por ser um país com diversas etnias isso muitas das vezes foi o motivo ou o caminho que os colonizadores encontravam para criar confusão no seio dos angolanos, porque a libertação nacional e colonial não foi só pela resistência mais também por uma luta de libertação política do povo angolano.

Os povos Bantus eram pessoas de pele escura adaptadas para trabalhar como agricultores e cultivavam os seus alimentos, caçavam os animais que comiam, e migravam muito de uma localidade para outra. Os povos Bantus se estabelecem no território angolano nos anos 1300 e 1600, os Bantus eram povos que migravam muito e faziam parte de reinos importantes como o reino do congo que surgiu nos anos de 1300 e meados 1400 numa área que abrange também o que é hoje a República Democrática do Congo.

Esses indivíduos também fizeram parte da formação de outros reinos importantes como o reino do Ndongo, no Bié, Bailundo, e Ciyaka, localizados em Benguela, também

fizeram parte do reino Kwanhama que fica localizado próximo a Namíbia e etc. Angola é um país rico em cultura, podemos assim dizer que é um país em que o seu povo partilha de vários hábitos e costumes vindos da influência de varias etnias existentes no território angolano como dança, música, comida, forma de se vestir, e de falar.

A população angolana é na sua maioria de origem Bantu, isto é perto de noventa por cento, e essa população se encontra maioritariamente no centro-sul de Angola, e falam Umbundo que é a língua nacional com o maior número de falantes, a segunda língua com o maior número de falantes é o Kimbundo e nos podemos encontrar esses falantes maioritariamente no centro norte, como em Luanda, Malange, e no Kwanza sul o kimbundo tem essa grande dimensão também por ser a língua falada na capital do país e a que cedeu muitas palavras para o português falado hoje tanto em Angola como no Brasil. (GASPAR, 2014).

Para conhecermos qualquer história ou vida política, social de um país, temos que nos inserir na vida cultural e social do mesmo, para assim bebermos e aprendermos mais sobre a cultura e a identidade dos habitantes daquele país.

Falando sobre Angola, um país novo que depois da luta pela independência viveu mais ou menos trinta anos de guerra civil enfrentando situações difíceis, mais apesar disso, a luta foi importante para afirmação da identidade e para melhores condições de vida para gerações futuras.

A cultura angolana esta cheia de manifestações, e uma delas é o carnaval, esta é uma das festividades mais antigas do país com mais de um século de existência, é uma festividade que foi introduzida pelos portugueses no ano de 1900, o carnaval teve maior impacto na capital Luanda mais depois foi para outras províncias do país, principalmente as do litoral como Cabinda, Zaire, Bengo, Kwanza Sul, Benguela. (GASPAR, 2014).

Capítulo II Identidade Nacional

Que conceito pode se dar a palavra identidade? Identidade vai nos dar ideia de alguma coisa semelhante, ou seja, algum objeto material ou imaterial com as mesmas características. Não podemos confundir os termos e pensar que igualdade tem o mesmo significado que identidade, são apenas palavras iguais; olhando as coisas por esse prisma, identidade seria “mesmidade”, ou seja, podemos assim dizer que algum objeto é idêntico, nesse sentido um ser humano é um ser único que através do seu bilhete de identidade prova a sua unicidade; logo a identidade aparece como um mecanismo do ser humano se assumir como tal e de aceitar que é diferente do outro.

O termo identidade aparece em vários campos do saber, exemplo disso é a presença do termo na lógica e na matemática; quando se utiliza na lógica ele nos leva a relação entre dois termos idênticos, e na matemática encontramos na igualdade verificável dos valores das variáveis, também a identidade vai aparecer nas ciências sociais e humanas.

Como vimos no parágrafo acima falar de identidade vai sempre nos remeter a vários campos de conhecimento, porque o mesmo nos leva a conhecer o mundo imaginário sobre a formação do estado-nação e da identidade de determinados povos, porque o Estado tende a se formar a partir da existência da nação, logo identidade nacional nos leva a crer numa ideia de política administrativa, ou seja, a pensar numa empresa que é guiada por normas e códigos de direitos e deveres, para que a mesma funcione bem. Para isso é necessário um espaço físico e social em que os trabalhadores se identifiquem; acontece o mesmo com a identidade de uma nação, os cidadãos têm que se identificar com nação como uma comunidade ou grupo de pessoas que segue determinadas regras dentro de certo espaço físico.

A nação representada a partir de um espaço físico bem demarcado os cidadãos devem se sentir donos daquele espaço, devem ter um sentimento de pertencimento e de posse sobre o território em que habitam por ser um lugar em que se guardam memórias, histórias, e etc.; isso vai fazer com que aquele espaço se torne um lugar de significados íntimos para cada cidadão que ai viveu ou que ainda vive e mantém certa ligação com aquela terra.

Onde encaixamos a ideia de pátria? Podemos fazer isso mostrando que uma pátria seria nada mais, nada menos que instituições cheias de leis com um único objetivo, o político, porque na maior parte das vezes estas instituições são feitas para protegerem os ideais locais de cada cidadão, ou para satisfazerem as necessidades do estado.

O que talvez possa integrar as nações seriam as ligações que as populações têm com seus territórios de origem, com a cultura partilhada, com os membros dos seus grupos

étnicos, bem como lembranças e momentos históricos partilhados dentro de determinados espaço físico.

A partir desse pressuposto nação seria parte da população existente em determinado espaço e que partilha momentos históricos e culturais, economia, valores físicos e morais, direitos e deveres etc. Sendo assim a ideia de nação vai nos dizer que um povo não se integra simplesmente pela partilha da mesma cultura ou pela partilha da mesma terra mais também pelo aspecto político e social.

Escrever sobre a formação da identidade nacional e sobre a ideia de nação nos remete a existência de determinadas culturas, territórios, e grupos étnicos, isto nos leva a pensar sobre as tradições, memórias, mitos, e não só, nos levam a criar laços de amizade com os membros da nossa região ou grupo étnico.

A identidade nacional nos apresenta uma forma muito paralela aonde à ideia de obedecer a funções é muito importante e definem o espaço em que o indivíduo se insere isso quer dizer o local de trabalho, o meio de transporte, o local aonde vive, isso tudo vai fazer parte do meio social de cada cidadão angolano, essas opções vão se ver também representadas dentro da religiosidade e da cultura, como em objetos para reza e limpeza dos espíritos dentro dos grupos étnicos.

Na política a identidade nacional é vista como mecanismo de sustento dos órgãos do Estado, e não só, também daqueles que não possuem um território próprio. As eleições são o meio em que os políticos utilizam para chegar a algum cargo governamental, mais os mesmos têm que convencer que os seus projetos são de abrangência nacional, porque é através destes que políticos de determinada região do país ganham às eleições, a sua origem étnica nesse sentido tem grande impacto e aparece como forma de ajuda para atingir o seu objetivo.

Hoje a busca pela identidade nacional e cultural se mostra uma prática comum nas sociedades africanas como também nas ocidentais. Ela pode ser usada como forma de se autoidentificar e se legitimar em qualquer meio social, a mesma também chega a definir carácter e valores que sejam de inteira utilização em determinados lugares ou regiões.

A nação aparece como uma forma de mostrar a relação entre os cidadãos e o nacionalismo, fazer com que as tradições os símbolos como a bandeira, a moeda, o hino do país seja repassado e recordado e fazer com que esse nacionalismo faça os cidadãos se exaltarem e sentirem a sensação de identidade e de pertença a sua nação angolana ou outra qualquer.

O sentimento que chamamos de identidade ou nacionalismo esse pode ser visto também como um meio para posicionar os indivíduos através de um olhar coletivo ao lado da sua cultura; identidade seria assim uma cultura única existente em algum país que vai fazer com que saibamos quem nos somos, e da onde viemos e para onde vamos.

Os colonizadores levaram consigo um modelo de nação para que fosse implementado nas suas colônias em África, mas esse modelo que era ocidental apenas causou desunião entre os povos, provocou discórdia, instabilidade e medo, isso aconteceu principalmente em áreas em que a presença étnica e religiosa era forte no território nacional angolano.

É muito complexo falar de identidades generalizando-as, isso pela sua natureza, e porque cada nação tem em sua formação um jeito único e exclusivo de se organizar socialmente, governamentalmente e etnicamente.

Trazer o conceito de etnicismo é importante, porque o mesmo foi ganhando força nesses últimos anos; esse conceito traz consigo um valor acrescido por ser um dos mecanismos que vão dar um significado a existência do homem, mas esse conceito pode ser visto de forma relacional porque fazer parte de um determinado grupo étnico faz com que o cidadão pertencente ao mesmo tenha atitudes e sentimentos de pertença que podem ser mutáveis ou não dependendo da situação em que o indivíduo se encontrar, porque a situação do mesmo afetará também a sua identidade e a do grupo.

De acordo com Smith (1997, p. 36) grupo étnico é

Um tipo de colectividade cultural, colectividade esta que sublinha o papel de mitos de descendência e de memórias históricas, e que é reconhecida por uma ou mais diferenças culturais, como a religião, como os costumes, a língua, ou as instituições tas colectividades são duplamente históricas no sentido em que só são as memórias históricas essenciais para sua continuação, como cada uma desses grupos étnicos é produto de forças históricas, específicas, estando desse modo sujeito a dissolução e à alteração histórica.

Esses objetos são meramente históricos porque fazem com que esses grupos étnicos se baseiem neles para continuarem a existir, porque os mesmos são frutos da produção histórica de determinada época, logo correm riscos muito grandes de extinção isso pelas alterações que a história vem sofrendo, olhando a situação por esse ponto de vista é bom fazer uma comparação entre categorias étnicas e comunidades étnicas; sobre a primeira categoria essa pode ser analisada como parte da sociedade que carrega consigo elementos exteriores, essas sociedade são formada pela coletividade dos seus membros. Já a comunidade étnica elas se encontra dentro de pequenos atributos que se relacionam com um nome coletivo, um mito igual ao dos seus antepassados, memórias e momentos partilhados, uma cultura específica ou comum, um território, e etc.

Se a população de determinado território se faz obedecer a esses requisitos ela chega mais perto do conceito ideal de grupo étnico, ou de etnia, porque esses elementos são os que vão representar e dar sentido a ideia de grupo ou comunidade que partilham a mesma cultura, ou a ideia de identidade comum. No território nacional para se fazer a identificação da linhagem em que o indivíduo pertence é necessário saber a sua descendência e a sua linhagem, ou seja, a linhagem da família em que o mesmo pertence.

Quando falamos sobre a origem de determinado povo ou cultura nos guiamos pelo princípio ideológico, como a língua, os hábitos, a cor da pele e etc, esses são alguns dos elementos utilizados por pesquisadores quando fazem determinado estudo sobre um povo ou cultura. Nesse sentido muitos cidadãos são caracterizados como pertencente à determinada etnia pelo simples facto de transportarem em si traços ou marcas que representam certo povo ou etnia, sendo assim a etnia da um grande contributo para formação da nação e da identidade nacional.

Como podemos definir etnia? . “Etnia é o conjunto de grupos localizados afirmando ter mais coisas em comum entre eles do que com seus vizinhos, bem como uma grande densidade de laços sociais entre eles” (SERRANO 2008, p.44). Porque se fomos analisar pelo lado histórico, ela vai nos apresentar uma serie de padrões e registros para sua formação, ou seja, nos podemos olhar a formação étnica do ponto de vista da mistura, fazendo assim com que as sociedades e grupos étnicos se dividissem em cidades estados para evitar que esses formem grupos distintos.

Neste caso olhando pelo conceito de grupo étnico Serrano (2008, p. 44) nos fala que para esse grupo estar completo tem que ter os seguintes aspectos:

1º a população residente tem que perpetuar-se biologicamente 2º compartilhar de valores culturais fundamentais realizados como uma unidade manifesta em formas culturais 3º integra um campo de comunicação e interação 4º conta como os seus membros se identificam a si mesmos e são identificados pelos outros e constituem uma categoria da mesma ordem.

A identidade cultural coletiva aparece como forma de unir esses cidadãos durante varias gerações, e não só mais também nas próximas que virão a representar uma unidade cultural diferente da anterior. Essas mudanças nas identidades culturais veem como forma de desenvolver certos elementos que se encontram dentro da cultura, como as memórias, e os mitos que vão servir como marcadores para ascensão da cultura e como marca para as gerações vindouras.

2.1 Nação

A formação da nação angolana dependia de uma luta contra uma sociedade dominante que fazia isso através da colonização dos povos africanos, esse processo histórico sobre a formação da nacionalidade angolana dependia da descolonização de África e de Angola, e isso só podia ocorrer através de uma ruptura do sistema colonial, e através de uma consciência coletiva para a criação de um projeto que podia beneficiar toda a sociedade nacional.

Segundo Carlos Serrano (2008, p. 52) a nação significa

uma sociedade política objectiva possuindo a sua organização própria nos limites territoriais precisos, é também uma realidade subjectiva constituída pelo conjunto de sujeitos que se unem pelo mesmo sentimento de nacionalidade, nacionalidade esta que se definiria por sua vez como consciência histórica, e é pelo projeto histórico e político que se distingue nacionalidade de etnia.

Já Para Eric Hobsbawm (2004, p. 56) nação

É uma comunidade de cidadãos de um estado, vivendo sob o mesmo regime ou governo e tendo uma comunhão de interesses; a colectividade de habitantes de um território com tradições, aspirações e interesses comuns, subordinados a um poder central que se encarrega de manter a unidade do grupo; o povo de um estado, excluindo o poder governamental.

Segundo Martins (2007) a ideia de nação surgiu pela primeira vez na Holanda numa época em que a mesma estava dando os seus primeiros passos para modernidade, essa ideia foi forjada no século XVI pela consciência coletiva e pela luta contra os espanhóis, e também por uma unidade política e pelo desenvolvimento de uma cultura comum baseada na afirmação da diferença dos povos que habitavam a Holanda; A ascensão do capitalismo na época da revolução francesa e da primeira guerra mundial, nos leva a pensar no problema da crise de identidade que esta ligada ao aparecimento da nação, tanto nas nações africanas como nas europeias e americanas isso aconteceu, e a causa foi o desenvolvimento da economia e da indústria que levou a formação das classes sociais e a ideia de dominação do outro como forma de mercadoria.

De acordo com Manuel (2008, p. 03) o nacionalismo

É a expressão da luta de uma nação para obter o reconhecimento de sua identidade nacional, o que supõe a existência de um abstrato cultural comum, a afirmação de valores e interesses gerais, em detrimento dos interesses particulares.

Nos anos 40 quando os jovens intelectuais angolanos faziam a campanha “vamos descobrir Angola”, foi a partir desse momento que se começou a preparar a luta para

resistência nacional e cultural angolana que não seria só de palavras, músicas, literatura, como outrora, mais também de armas.

Esses jovens intelectuais angolanos que tinham as suas formações em literatura, jornalismo e etc, que deram a sua luta a partir dos anos 50, não se contentavam com a guerra não armada, porque eles achavam que não os ia levar a lugar nenhum, e logo criaram mecanismos para abrir as portas fechadas pelos portugueses pela força, essa geração foi a de grandes nacionalistas angolanos como Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Mario de Andrade, Antonio Jacinto e muitos outros.

Essa geração de intelectuais angolanos eram quase todos ligados à área literária que foram se colocando no panorama político e deram a sua luta contra colonização portuguesa, essa luta era vista por esses intelectuais como um meio de obter a liberdade da opressão colonial e também como um mecanismo de libertação da cultura nacional, isto era uma demonstração da não aceitação de outra cultura dominante dentro do território angolano, porque a cultura é a vida e a identidade do povo.

Capítulo III As Origens do Carnaval

Pesquisadores divergem quanto à origem da palavra Carnaval, tornando o assunto muito polêmico. Para uns advém da expressão latina “carrum navalis”, que remete aos carros navais que realizavam a abertura das dionísias gregas nos séculos VII e VI a.C. Apesar de foneticamente aceitável, a expressão é refutada por diversos estudiosos sob a alegação de não possuir fundamentos.

Para outros, a palavra surgiu quando Gregório, o grande, em 590 d.C., transferiu o início da festa da quaresma para a quarta-feira antes do sexto domingo que precede a

Páscoa. Ao sétimo domingo, deu o título de domínica de carnes levandas que com a influência de dialetos italianos formou a palavra Carnaval.

Alguns pesquisadores dizem que a palavra Carnaval teria surgido em Milão em 1130, outros dizem que a festa só teria levado este nome na França, outros na Alemanha isto em 1800. Na Grécia, a oficialização do culto a Dionísio teria sido concretizada por Psístrato, governante de Atenas entre 605 a.C. e 527 a.C.

Além de incentivar o culto a Dionísio entre os camponeses e os lavradores, organizou oficialmente as procissões dionisíacas nas quais a imagem do deus era transportada em embarcações com rodas, as chamadas “carrum navalis”, simbolizando que Dionísio havia chegado a Atenas pelo mar. Seguindo o cortejo, uma multidão de mascarados meio a um touro que depois seria sacrificado percorria as ruas de Atenas em frenéticas passeatas de júbilo e alegria.

Tais festas, que tiveram grande desenvolvimento no séc. VI a.C. acabaram por gerar as chamadas “bagunças dionisíacas”, por isso foram fortemente reprimidas no séc V a.C., no auge do desenvolvimento artístico-cultural da Grécia.

Um dos centros de excelência do Carnaval fixou-se nas cidades de Nice, Roma e Veneza e passou a irradiar para o mundo inteiro o modelo de Carnaval que ainda hoje identifica a festa, com mascarados, fantasiados e desfiles de carros alegóricos e que muitos autores consideram o primeiro Carnaval.

As fantasias de Carnaval permitiram que os homens e as mulheres trocassem os seus papéis. Em suma, era uma época de desordem institucionalizada, em conjunto de rituais de inversão. Não admira que os contemporâneos o chamassem de “época de loucura em que reinava a folia”. A Igreja católica a princípio colocou-se contra essa manifestação, porém ao constatar a ineficiência das proibições dos festejos ditos pagãos arraigados no inconsciente coletivo dos povos tratou de adaptar as festas consideradas profanas ao calendário eclesiástico, mas não totalmente desligadas da religião porque a ideia da Igreja era cristianizar as festas pagãs que aconteciam naquela época do ano.

3.1 Surgimento do Carnaval em Angola

Para melhor compreensão do carnaval em Angola é necessário fazer uma análise historiográfica do mesmo. O carnaval tem origem europeia, e a comemoração do mesmo em Angola teve origem no carnaval de Portugal, e essas festividades receberam de certeza

influência de vários elementos africanos, da mesma forma que o carnaval português teve influências do carnaval italiano.

Os primeiros fundamentos sobre a folia que aconteceram em Angola foram introduzidos pelos colonos portugueses, e isso aconteceu paulatinamente através do reino do Congo, logo a seguir aos primeiros contactos que o povo português teve com a população que habitava naquela região. As primeiras pessoas a seguir esse tipo de festividade depois dos portugueses a introduzirem em território angolano foram os N'zombo, um reino que habitava na margem sul do Zaire. Hoje é uma das províncias de Angola, estas festividades mais tarde tiveram outros grupos junto com os mais antigos, como N'zaus que se localizavam do lado norte do mesmo rio que hoje são conhecidos como os cabindas, os Lândanas e Imbindas.

Depois de algum tempo foram surgindo outros grupos, como os do N'zeto do Songo e Salongo, que se encontravam localizados mais a sul do reino do Congo, esses grupos todos e os seus reinos aderiram a estas festividades que tinha como seu único objetivo brincar. Na ideia de se expandir essas festividades carnavalescas, os colonos portugueses criaram vários entrepostos comerciais, e esses entrepostos foram criados mais para o sul com a finalidade de transportar essas festividades mais para costa sul dos reinos e também pelo interior da atual província do Bengo (Ambriz), que depois de alguns anos esses entrepostos foram transportados para o reino do N'dongo, nome este que veio ser conhecido como N'gola e depois Angola.

A expansão do carnaval começou a acontecer numa época em que Angola ainda não tinha cidades, eram apenas regiões, reinos e agrupamentos. Com essa política de expansão do carnaval a festa chega a Luanda primeiramente, depois se expande pelas províncias de Benguela e do Namibe, e com passar do tempo aparece mais forte em Luanda com os naturais da ilha ou os Muxiloandas, que hoje são pertencentes ou habitantes da atual ilha de Luanda, esse grupo fez dessas festividades carnavalescas uma diversão misturada com críticas social, através das danças tradicionais como a bassula, a esquindiva ou finta.

Essas festividades carnavalescas e as danças eram feitas com enfeites, fitas e ramos de árvores que eram pintados coloridamente, também imitavam os brancos pintando os seus rostos de branco como forma de mostrar o seu descontentamento com a presença dos colonizadores portugueses no território nacional, usavam máscaras de N'dele ou T'chindele, chapéus e armaduras de ferro, e essas personagens que desfilavam nestes trajes eles se comunicavam e cantavam a partir de gírias que os colonos chamavam

de camondongos ou kaluandas, que era uma mistura da língua nacional kimbundo com português.

Os grupos representavam uma dança que foi dada o nome de Muala, foi inventada uma forma de dançar a mesma com o ritmo de uma musica merengue, depois apareceu o estilo de dança semba que surgiu da kazukuta que era dançada por todos os grupos carnavalescos que desfilavam pela avenida. Essas manifestações culturais sobre o carnaval elas tem apoio até hoje de entidades tradicionais como também de jovens e cidadãos comuns, que dão uma maior vivacidade a essas festividades. “Estas festas sempre foram meio de grandes recriações em Angola, isso desde 1800 que elas são realizadas, aonde se apresentam coreografias alegres e também criticas sociais através das danças”. Blog kimbo lagoa (2009).

Depois de alguns anos a só participarem grupos das zonas mais urbanizadas nos carnavais, começaram a surgir grupos dos musseques, os mesmos apareceram com nomes de Camama, Kapire, Mulenwo e etc, e muitos desses grupos vieram com novas formas de se apresentar nos carnavais angolanos trazendo danças e coreografias que representavam manifestações de óbito e de revolta, e não só, mostrando danças que remontavam os espíritos dos seus ancestrais, fazendo gestos que outros grupos também faziam como os Axiluandas, isto para mostrar a fraternidade e também a identidade que existia entre os mesmos; Assim sendo essas manifestações culturais iam se estendendo nos musseques e nos bairros de lata como Sambizanga, Prenda, Catambor, Bairro Operário, Rangel, Terra Nova, Bairro Popular, Cacuaco, Maculusso e etc.

As comemorações carnavalescas em Angola aconteciam numa avenida principal, havia muitas palmeiras que deixavam a orla da avenida com um aspecto mais bonito e melhor preparado para o desfile. Era uma comemoração sem qualquer ligação com as festas católicas alusivas a semana da quaresma, mais sim com as festas de carnaval que estavam e ainda estão intimamente ligadas aos símbolos da história passada e presente de Angola.

Das colônias portuguesas em África, Angola sempre foi vista como a capital cultural e financeira mais importante, isso durante quatro centos anos de colonização feitas pelos regimes ditatoriais portugueses, logo o carnaval e outras datas comemorativas eram realizadas com maior simbologia em Angola pelos colonizadores, mais durante e mesmo até depois da independência de Angola o carnaval sempre foi festejado com a intenção de demonstrar os traumas sofridos pela colonização, e com uma mensagem de mudança,

uma demonstração da importância de nos apegarmos aos valores do passado para nos ajudar na manutenção da identidade cultural a partir das representações carnavalescas.

Depois da independência de Angola, houve uma guerra civil, e com a morte do primeiro presidente Antonio Agostinho Neto, os partidos políticos entraram em conflitos uns com os outros por causa do poder presidencial, que mais tarde se confirmou essa guerra em que a UNITA teve apoio dos EUA e da África do Sul, e o MPLA teve o apoio de Cuba e da Rússia. Neste clima de guerra civil em Angola o carnaval foi festejado com apoio do MPLA com intuito de pedir apoio da população angolana por ter conquistado umas bases militar nas províncias e que geraria segurança para aquelas populações.

Eles agiram assim sabendo que o carnaval era o caminho mais fácil de se trilhar para conseguir o apoio das massas populares, isto porque nesses desfiles geralmente se apresentavam mais de 200 grupos carnavalescos que vinham de quase todas partes de Angola, não de todas por conta da dificuldade de se locomover por causa da guerra, e em cada grupo ou comunidade e era possível ver a diferença cultural que cada grupo que participava no desfile apresentava.

Por causa da guerra civil em que se encontrava o país houve algumas mudanças no calendário carnavalesco em Angola, que passaria a ser realizado em 27 de março do ano de 1987. Foi escolhida essa data porque para que os angolanos não pudessem ligar as manifestações com a ideia de politicagem que era comum na altura, por causa da situação em que se encontrava o país, logo seria muito normal às pessoas fazerem uma ligação entre essas manifestações culturais populares com política. (BIRMINGHAM, 1991, p. 15).

O momento mais importante foi o momento em que houve a ruptura do calendário religioso com as datas políticas desses movimentos carnavalescos, porque nessas festas o que era para ser levado em conta, é o simbolismo da comemoração, não a ideia ou intenção de publicidade política que estava se tornar habitual na altura.

O carnaval angolano depois da independência separou-se em dois seguimentos importantes para sua manutenção e preservação entre o observador e o intérprete. Havia uma hierarquia a se seguir, os líderes de governo se sentavam na fila da frente, e os outros ocupavam outros lugares na parte de traz dos acentos, ai aparece outra hierarquia que esta ligada as festividades do carnaval em Angola, só que mais acentuada no carnaval de Luanda, onde as pessoas que ocupam esses lugares tem as suas raízes culturais e históricas implantadas nas tradições do país e da cidade.

Muitos desses angolanos nasceram das misturas de crioulos, famílias essas que conseguiram sobreviver durante a luta e a expulsão dos colonos portugueses de

Angola. Na parte de cima em que ficava o segundo anel, era geralmente preenchida pela burguesia de Luanda, ou de pessoas pertencentes à elite crioula. “poucos eram os angolanos de classe alta no século XX, e que casar com pessoas que tenham a cor da pele mais clara sempre foi à ideia dos angolanos para ascensão social no país”. (BIRMINGHAM apud MESSIANT, 1991).

Havia também outras bancadas de testemunhas que foram prestigiar o aclamado carnaval de Rua de Angola naquele ano como, alguns diplomatas, que se sentaram na terceira tribuna. E com a vinda de milhares de cidadãos portugueses a Angola para trabalhar nas fábricas e indústrias o número de mestiços era grande e estes ficavam no asfalto a ver os carros e os grupos desfilares pela avenida, muitas vezes ate sem comer nada e sem beber durante 6 horas.

A festa de carnaval é antiga assim como o país a que me refiro no texto Angola, e essas comemorações carnavalescas elas foram sofrendo alterações ao longo do tempo, isto até nas escolhas das datas, na forma de se apresentar as danças, as representações, as músicas e ritmos elas se alteraram e se modernizaram.

3.2 O Carnaval na era colonial

O carnaval angolano na era colonial foi reinventado pelos cidadãos angolanos e portugueses, o mesmo surgiu a partir da mistura de ritmos e danças angolanas, africanas, e europeias, ou seja, com a presença dos colonos no território nacional seria quase impossível não haver traços ou mistura da cultura portuguesa dentro das festividades carnavalescas em Angola, isso porque os colonizadores portugueses ainda habitavam o território nacional na época e contribuíram para construção da identidade cultural angolana através do carnaval. As primeiras músicas e danças de rua usadas nas comemorações das festas de carnaval em Angola começaram a ser tocadas e utilizadas entre 1940 até 1960.

Os angolanos na época colonial quando fossem comemorar o carnaval utilizavam as danças e os rituais tradicionais nacionais como forma de identidade e de preservar a cultura, os hábitos e costumes de Angola, mais muitos desses angolanos que participavam dessas festas já haviam sido assimilados pelos portugueses, podemos ver essa assimilação nas danças e nas roupas que os angolanos e angolanas vestiam para os desfiles de carnaval.

De acordo com Jardim (2012), as mulheres se vestiam com alguns panos que cobriam da cintura para baixo, e colocavam pequenas blusas que tapavam apenas os seios, já os homens usavam calças e camisas, e os desfiles eram feitos em pés descalços, mais esses assimilados não andavam nus ou seminus como certos grupos de cidadãos não assimilados, exemplo disso são os povos que viviam nas margens do rio Bero e do rio Giraúl que eram povos nômadas ou que podiam ser considerados semi-nômada, porque eram povos que se dedicavam a caça e ao pastoreio de gado bovino e que não se deixaram assimilar pelos portugueses apesar de conviverem próximo aos portugueses residentes em Angola.

Essas festividades foram repassadas de geração em geração em Angola como forma de testemunho de como era comemorado o carnaval no território nacional, os mais velhos contam que essa data comemorativa ao carnaval eram realizadas de várias formas, era comum ver lutas de carros ou charruas, ou seja, carros de tração animal e carros com carroças, também existia uma luta que até hoje é comum vermos, que é a lutas dos ovos aonde todo mundo jogava ovos pra todo mundo, e havia aqueles mais ousados de faziam a mistura de farinha com água e ovo podre para jogar nos outros.

Na era colonial já era comum o uso de máscaras, em alguns locais eram realizados concursos para eleger os melhores trajes carnavalescos da noite, e depois desses desafios eram feitas festas em casa de pessoas particulares, estas festas eram realizadas no período da manhã ou tarde, e ao anoitecer depois do jantar, havia a saída para rua com roupas disfarçadas e trajes carnavalescos que muitas vezes eram improvisados no momento com lençóis com buracos para facilitar a visão imitando um fantasma.

Na altura com a falta de energia elétrica o disfarce metia medo a qualquer pessoa, eles em comemoração batiam nas portas das pessoas para assustar, era uma brincadeira em que as pessoas faziam com um único objetivo, que era o reconhecimento das pessoas com quem brincavam e de quem estava por trás da máscara ou do pano usado no momento da brincadeira. Mas isso com passar dos anos foi se perdendo e o carnaval se modernizando.

Depois da comemoração dos carnavais em Angola serem feitos só nas ruas e avenidas, eles passaram também a comemorar essas festas em salões e clubes que existiam nas cidades, e esses bailes eram super animados, aonde os participantes se vestiam de forma engraçada e com máscaras feitas pelos participantes, esta festa era frequentada pelos negros e pelos portugueses com algumas restrições evidentemente.

Segundo a Jardim (2012), esses bailes eram organizados pelos donos dos clubes e por quem os alugava para fazer as festas. Nestas festas eram tocadas músicas como, valsa, e algumas vezes tango e nada de música angolana. Para além das músicas tocadas nessas festas carnavalescas eram feitos concurso para eleição das melhores máscaras infantis, e também a eleição do melhor verso proclamado, teatro e outras apresentações que se podia fazer dentro das festividades carnavalescas mais no modelo português do que angolano.

Durante o tempo em que o carnaval acontecia, era normal vermos pessoas se vestirem de forma engraçada como nos mostra a figura a baixo, vestidas de forma a mostrar a magreza do corpo, ou imitando alguém demasiado gordo(a).



Figura 1

Em 1950, dez anos antes da guerra pela luta de libertação nacional de Angola, o carnaval na época era festejado a partir de quatro tipos de danças que eram chamadas de danças indígenas pelos portugueses residentes em Angola. Havia a dança do forte da Santa Rita, a do Benfica, e a da Aguada, essas danças eram do interior das províncias, e eram dançadas logo no início das festividades como forma de imposição da cultura e da identidade angolana que estava sendo apagada dentro das comemorações.

Os desfiles dessas danças africanas, angolanas e outras começavam a ser interpretada a partir da estação de comboio tanto em Luanda como em Benguela, e era a partir daí que os desfiles carnavalescos partiam, e só depois se dispersavam pela cidade, e esses desfiles tinham a duração de três dias, aonde os reis e as rainhas coordenavam os movimentos dos grupos, e esses reis e rainhas se trajavam normalmente com roupas representativas, com guisas que lembrava os reis e rainhas europeias sem se esquecer das corôas, não importava se esses reis eram angolanos ou portugueses esses tinham que se vestir do mesmo jeito.



Figura 2



Figura 3

Esses grupos que se apresentavam durante o carnaval eram guiados a partir do barulho de apitos que normalmente ficava com o mestre que comandava as danças e os ritmos angolanos, havia os que se apresentavam seminus, alguns vestidos com saias feitas com plástico dos sacos e materiais diversos, e outros membros do grupo pintavam os seus rostos e lhes era feito desenhos que representava as suas tribos e regiões como forma de valorizar a cultura nacional e os nossos ancestrais.

Na era colonial por causa da mistura dos povos, isto é, a população angolana e a portuguesa eles dividiam o mesmo território, mais a comemoração do carnaval não acontecia do mesmo jeito, a comunidade portuguesa em Angola, a sua juventude era conhecida como “juventude rebelde”, e isso foi se acentuar mais nos anos de 1940 e 1950. (JARDIM, 2012, p. 18).

O carnaval na era colonial em Angola era festejado de forma a valorizar a nossa cultura, e essas manifestações atingia o seu auge com as batalhas de “cocotes” entre os jovens de determinadas regiões. Estas batalhas também aconteciam de entre os membros do grupo, era uma luta corpo a corpo no chão como também por cima de carros que tinha a parte de trás aberta, e esses carros eram abertos e decorados para os desfiles nas avenidas

das cidades, (esta era uma prática comum em todas as cidades em que na época festejavam o carnaval) para estas atividades comemorativas, cada grupo criava os seus mecanismos para batalha de cocotes e para o enfeite dos carros em que podiam estar.

Com a mudança na forma de se festejar o carnaval em Angola na época colonial seguindo o exemplo do Brasil, começaram a surgir então os carros alegóricos, os mesmos se viu então pela primeira vez no carnaval de 1955, que teve como palco a longa Avenida da marginal.

No carnaval deste ano 1955, houve a participação de muitos carros alegóricos em que cada um representava alguma empresa ou entidade pessoal, onde podiam se ver as pessoas que estavam por dentro deles dirigindo e acompanhado o cortejo carnavalesco.



Figura 4:

3.3 Os Bailes de Carnaval na era Colonial

Os bailes de carnaval em Angola na era colonial eram feitos em clubes desportivos ou em salões de festa, esses bailes para os colonos portugueses eram momentos únicos de grande animação.

Em uma comunicação pessoal com o senhor Francisco de Almeida que vivenciou parte desse período ouvi o relato de como eram essas festas na época de sua juventude, o senhor disse que estas festas eram organizadas em espaço públicos e ao ar livre, porque ainda não havia os clubes nem os salões de festas que foram surgindo com tempo, dançavam sobre estrados que eram montados para esse fim, também relatou que durante a festa havia a eleição da Rainha e do Rei da festa.

Nesses bailes geralmente todo mundo se divertia sem separação de cor ou raça, em muitas dessas festas era comum encontrares pais, tios, avós e etc, porque na época que tocava eram músicas clássicas que marcavam a transição entre duas épocas, a antiga e a moderna, dançava-se desde o tango ao rock-and-roll.

Assim, que essa maratona de músicas termina os rapazes iam diretamente a praia apanhar a brisa do mar repor as energias, se refrescar e admirar as belezas que a praia lhes podia oferecer porque mais ao anoitecer seria mais um dia de farra e assim estariam prontos para mais uma noite dançante. Essas festas seguidas aconteciam em algum casino que podia suportar um grande número ou no cinema atlântico, elas ficavam sempre muito cheias ao ponto de uma boa parte dos rapazes terem que ficar em pé para ceder o seu lugar aos mais idosos.

De acordo com Jardim (2012), existia um grupo de músicos que tinham o nome de “Diabos do Ritmo”, que animavam as festas carnavalescas e os cantores que proporcionavam grandes momentos de alegria para população se divertir até ao dia seguinte, também eram os cantores que muitas vezes iam fazer serenatas nas janelas das meninas pela madrugada a fora.



Figura 5

De certeza que esta foi, mas uma festa bem comemorada como outros bailes eram comemorados, com muita dança e diversão. Como a foto nos mostra mais a cima podemos ver que a festa foi paralisada para coroação do Rei e Rainha da noite, os mesmos eram escolhido da seguinte maneira: a Rainha pela sua vivacidade que podia ser contagiante e para alem disso ela tinha que ser simpática. Já o Rei era escolhido pelo seu modo de ser e de estar, também pela sua simplicidade e boa disposição.

3.4 Paralisação do carnaval em Angola

Em 1960 ano do inicio da luta armada para libertação e independência de Angola, o regime salazarista de Portugal passou a reprimir o carnaval com medo das possíveis investidas através do carnaval visto que os grupos desfilavam de máscaras e era impossível ver o rosto dos indivíduos, por este motivo os portugueses proibiram o uso de máscaras nos desfiles na marginal.

Essa paralisação aconteceu porque os colonizadores reconheceram que os angolanos estavam a usar o carnaval como meio para transmitir mensagens sociais contra o sistema escravocrata, e contra as aspirações colonialistas.

No ano de 1961 no dia 4 de fevereiro os colonizadores portugueses aboliram o carnaval em Angola, esta que era a festividade mais alegre do país havia sido cancelada de todas as ruas, mais ela não deixou de acontecer, os cidadãos festejavam o carnaval dentro das suas casas de forma tímida e com medo de qualquer represália que aquela ação lhes podia causar, muitos ainda fizeram festas em seus enormes quintais em alguns bairros dos musseques em que viviam sem o conhecimento das autoridades coloniais.

Depois do ano de 1961 em que as festividades em comemoração ao carnaval haviam sido canceladas pelas autoridades coloniais, isso em 1962 aconteceu algumas insubordinações em alguns bairros em Angola principalmente em Luanda, Benguela e na província do Namibe, cidades estas em que a celebração do carnaval era mais forte tendo essas confusões causado vários transtornos, e por conta disso a polícia colonial usou fortemente a sua tropa armada para conter essa agitação que estava acontecendo nestas cidades.

Logo depois desses conflitos as autoridades coloniais chamaram e notificaram alguns grupos para não acabar com a cultura de se comemorar o carnaval, e esses tinham que comparecer a marginal para o desfile, mesmo depois de um ano sem participar no carnaval na marginalos grupos notaram uma série de mudanças como o Banco Nacional de Angola, havia um cais para os amantes da pesca, e tinham plantado várias palmeiras que serviam para o enfeite da marginal.

Os blocos carnavalescos que haviam sido destacados para o desfile se apresentaram desfilavam em corso e mascarados, havia muitas latas pintadas em suas vestimentas, apitos, roupas de varias cores, tinham consigo espadas, lanças, escudos, e tinham os que estavam vestidos de reis e rainhas.

Segundo a Jardim (2012), com o fim da ditadura salazarista em Portugal em 25 de abril de 1974 abriu assim o caminho para que as suas colônias em África se libertassem do seu regime escravista, mais em Angola a situação só ficava cada vez pior, havia violência dentro dos grupos separatistas porque eles lutavam pelo poder das cidades em Angola; nessa situação em que o país de encontrava já não havia clima para se brincar de carnaval, isso só voltou a acontecer em 1978 quando Antonio Agostinho Neto já presidente de Angola declarou oficialmente a volta do carnaval

3.5 O carnaval da vitória

Depois de alguns anos de guerra pela independência de Angola contra os opressores coloniais e sem haver carnaval, em 1978 surge o carnaval da vitória, que foi em comemoração a conquista da independência.

Os angolanos festejaram naquele ano um único tema, que foi a vitória contra os opressores coloniais, idéia que Agostinho Neto partilhou com a população e que foi aceite pelo país inteiro. Depois de se tornar independente em 1975 o carnaval sempre foi uma festa importante no país e dentro das colônias portuguesas, festa esta que é sempre acompanhada de carros alegóricos e de grupos que apresentam as suas danças em uma avenida e também em festas de salão pelas cidades.

Depois de 1978 já com a independência consolidada, e também com a expulsão das milícias sul-africanas que se encontravam em Angola era constante a comemoração desse carnaval da vitória até que ele desapareceu da memória dos grupos carnavalescos angolanos. (BIRMINGHAM, 1991 p. 418).

Anos depois desse tema sobre o carnaval da vitória ser extinto o carnaval angolano passou a ter temas diversos, ou seja, cada grupo que for participar escolhe o tema que quer interpretar. Mais é muito comum ver grupos carnavalescos em Angola usando cores vermelha, amarela, preta que são cores presentes na bandeira e na ideia de identidade do país, seja nos trajes representativos dos grupos como também podemos ter essa sensação nas danças feitas na pista, danças essas que representam uma identidade nacional e cultural como a kabetula, a kazucuta, e o semba.



Figura 6



Figura: 7

Como vimos o carnaval em Angola sofreu uma série de transformações ao longo desses anos todos, e nessa ordem de ideia e de globalização surge a seguinte pergunta,

como anda o real estado do carnaval angolano? Para responder essa questão é necessário fazer a análise dessas celebrações realizadas em Angola desde a era colonial até hoje.

Essas festas de carnaval em Angola elas foram se moldando consoante o tempo como já havia frisado nos parágrafos acima, e durante a evolução dessas festas vimos políticos, empresas, e famílias da elite patrocinar vários grupos carnavalescos. Os patrocinadores pagavam e pagam até hoje os cortejos, os carros alegóricos, e o que for preciso para ver suas escolas favoritas desfilarem, e nesses desfiles era comum utilizar quadros pintados em forma de publicidade dessas empresas, ou até falando sobre valores morais de forma nunca vista antes no nosso carnaval.

Os grupos que desfilam no carnaval de Angola apresentam na avenida o que é cultural e social no país, exemplo disso foi a representação do grupo união mundo da ilha no carnaval de 2007 aonde representaram um mostro de sete cabeças, que começava com um leão que representava o orgulho, a avareza era representada por um burro à cobiça por um cão, a preguiça nos desfiles era associada ao Brasil e etc, fazendo assim um pequeno paralelo com os sete pecados mortal.

Segundo Birmingham (1991), Já na época colonial as forças militarizadas participavam dos desfiles carnavalescos em Angola, e esses grupos de militares desfilavam com salvas navais pela marginal de Luanda, local em que aconte os desfiles.

Outro grupo denominado os Bardos que pertenciam a um dos musseques de Luanda também desfilavam nos carnavais na marginal, e competiam com grupos distintos, tanto na dança como nas suas canções, e isso ficou mais explicito quando as pessoas que eram tidas como entidades ligadas a política, a música, e intelectuais da academia passaram a fazer parte destes desfiles com seus trajescheios de luxo dando assim uma força maior a comemoração e ao grupo e a cultura popular angolana.

Em Angola existem vários estilos de danças, e essas se distinguem pelos diversos gêneros, significados, formas e contextos, as danças também são usadas na vertente recreativa como condição de veículo de comunicação religiosa, curativa, ritual, de identidade cultural e até mesmo de intervenção social.

Uma das mais fortes expressões culturais em Angola depois do carnaval são as danças tradicionais, executadas com instrumentos de percussão, principalmente tambores e marimba, ao som de cânticos entoados por solistas a acompanhado de coro, criando uma polifonia cativante essas danças são presentes dentro da que é considerada a maior manifestação cultural do país de forma energética e com coreografias de arrepiar, danças

estas que são inspiradas no folclore de cada região de Angola, e elas carregam uma identidade forte sobre os costumes das comunidades.

Essas danças que normalmente são usadas em manifestações culturais elas são repassadas de geração em geração, e muitas vezes levadas a zonas urbanas como forma de iniciar alguns dos jovens a vida social e espiritual para não perderem os hábitos e costumes dos seus ancestrais quando saem das suas comunidades e emigram para grandes cidades.

Existem várias danças e coreografias que são de uso nos rituais de iniciação de homens e mulheres que também são usados nas comemorações carnavalescas em Angola, exemplo disso é o xinguilamento dança muito vulgar nas apresentações dos grupos aonde normalmente se oculta à cara do indivíduo com uma máscara africana tradicional para que a identidade do mesmo não seja revelada, nas danças também demonstra-se a beleza feminina, danças representativa dos rituais de óbitos, outros imitam nas danças movimentos característico de animais da região, de caça e etc.

O carnaval de Angola tem outros estilos de dança que são mais comuns os grupos apresentam quando vão a marginal desfilar; eu vou fazer uma breve apresentação de alguns estilos:

KAZUKUTA

É a dança por excelência que é de sapateado lento, seguido de oscilações corporais, firmando-se o bailarino, ora no calcanhar, ora na ponta dos pés, apoiando-se sobre uma bengala ou guarda-chuva.

CIDRALIA

Esta dança é de marcha lenta seguida de requebrados, os tocadores utilizam ngoma e dibabeu como no semba e um clarim para variações rítmicas.

DIZANDA

É dança carnavalesca da região da Província do Bengo, marcha acelerada, rodopiada, seguida de algumas ligeiras flexões.

MUKIXI

Nesta dança os bailarinos ficam mascarados e pintados representando a cultura Lunda Tchokwe, usam mascaram, de varas, de resina e líber, pintadas com argilas, vestimentas de rede saio.

REBITA

É um género de música e dança de salão angolana que demonstra a vaidade dos cavalheiros e o adorno das damas. Dançada em pares em coreografias coordenadas pelo chefe da roda, executam gestos de generosidades gesticulando a leve cidade das suas damas, marcando o compasso do passo da massemba.

Essas são as danças mais populares que os grupos carnavalescos apresentam quando vão desfilarem pela avenida da marginal mostrando as suas coreografias para a equipa de júris e a comunidade que assiste para alegria de todo o mundo.

Essas danças de carnaval sempre foram encabeçadas por um líder ou rei do grupo a se apresentar na avenida, em Angola não é diferente, o cortejo da festa é normalmente feito por homens de porte físico forte e que se vão à apresentar a multidão com uma roupa formal e cheia de detalhes, esses homens são acompanhados pelo seu pai fictício, o mesmo aparecia ao desfile com uma roupa chamativa de igual modo para que o público presta-se atenção na apresentação do grupo.

Segundo Birmingham(1991), nos carnavais de Angola não competia só grupos do país, era normal ver também vários outros grupos de países amigos e vizinhos como de São Tomé que mandou um grupo de uma das ilhas para competir no carnaval de Angola, como outros grupos de Luanda, Namíbe, Benguela e outras províncias que tinham um rei, e uma rainha, e esses eram que ditavam como devia ser o desfile, que músicas cantar etc, e os dançarinos que o mesmo levou executava ao ritmo do som que era tocado pela banda do grupo, e esses dançavam com espadas que representavam as formas portuguesas de dançar, e existia um carro alegórico para o desfile na marginal, e era aí que ficavam os seus reis com a voz de comando para que o mesmo fosse puxado com mais força ou com menos intensidade..

Também havia outros três países que se apresentavam na marginal de Luanda com seus grupos carnavalescos, e com trajes representativos para os desfiles.

Angola se apresentou como parte de um reino que era colonial e que conseguiu através da luta pela independência se livrar da opressão, o Congo que é visto como um país com um potencial forte na área do comércio tanto para África como para o mundo se apresentou levando joias e mercadorias ostentando riquezas incalculáveis, já a Etiópia se apresentou a moda do seu país com trajes Africanos, e distribuía moedas em prata e ouro para os assistentes na marginal que deixava o público ao delírio total das apresentações. (BIRMINGHAM, 1991 p 422).

E nessas misturas de apresentações da manifestação cultural de cada país em Angola era uma combinação do religioso com profano, era uma mistura de rituais pagãos

e cristão e do Mbundu do Congo, que tinha como finalidade promover a fertilidade e o bem estar das populações locais.

Depois de alguns anos o carnaval em Angola sofreu algumas mudanças, como só a participação de grupos nacionais, nas danças, na música, a existência de um líder e etc, porque as representações do nacional é visto como aspecto importante para manter a identidade cultural firme no país.

Cada grupo de carnaval que se for organizar para participar na festa tem que ter um líder ou um comandante, tem que existir também o presidente que geralmente é o indivíduo que sai a procura de patrocínio e que anda mais arrumado e etc, mais esse não representa o grupo na hora dos desfiles, esse presidente é o responsável pela eleição de um rei para o grupo, e este pode ser uma mulher ou um homem para ser o cabeça da dança na avenida.

Depois da escolha do rei, vem à escolha da rainha que tem que ser uma mulher muito linda e que chama atenção dos júris e do público que se encontram nas arquibancadas, e por trás da rainha vem o grande grupo de cantores e bailarinos com vários instrumentos musicais fazendo o ritmo da dança, e depois vêm mais bailarinos, mais desta vez com roupas mais caras e todas iguais, e assim as representações do grupo são feitas por esses elementos que vêm por trás a imitar os pescadores e chegam jogando redes como se fosse ao mar de forma representativa.

Para alguém ocupar certa posição de autoridade na escola carnavalesca em Angola é necessário ter militância, ou estatuto social, ou mesmo competência comprovada. O presidente da escola embora esteja afastado da avenida tem que ter certa influência social, ou pertencer a uma família prestigiada ou que patrocina o carnaval no país, até o cantor ou o porta bandeira tem que ser de uma família respeitável na sociedade angolana, o resto dos integrantes são escolhidos pelas suas aptidões.

O carnaval e os grupos em Angola hoje são financiados pelos empresários, e pelos donativos que o governo oferece aos grupos para se manter, e durante as apresentações muitos dos assistentes se dispõem a ajudar dando dinheiro nas rainhas, o que ajuda nas receitas do mesmo, e esses valores arrecadados poderão ser utilizados para mudanças ou até mesmo para festas entre os membros do grupo, outros para fundos de assistência, ou para contribuição no funeral de algum integrante do grupo.

Em Angola a rivalidade entre os grupos é um problema bem patente nas comemorações carnavalescas, era normal ver integrantes de certos grupos que até faziam parte do mesmo convívio social no bairro mais por pertencerem a grupos diferentes

tinham as suas vidas expostas nas musicas dos grupos rivais, atos esses como o incesto, feitiçaria e etc, e era normal encontrar nas musicas dos grupos que era chato para quem foi afetado, para não ficar um clima mau no bairro era preciso depois das festas carnavalescas umas sentadas (festas) comunitárias para reviver esta amizade que podia esta a morrer por causa das músicas ofensivas do carnaval e voltar a se viver o humor do bairro para o resto do ano até à próxima comemoração.

Depois dos anos 80 partindo para os anos 90 o carnaval angolano sofreu mudanças significativas deste a base até a sua estrutura enquanto produto cultural, diz a atual Ministra da cultura Rosa Cruz e Silva (2012), mais segundo Santos (2013) ainda há muito que fazer para modernização do carnaval em Angola, isso não parte só de mudanças estruturais mais também mentais dentro dos tradicionalistas que pensam que o carnaval é só cazucuta, a dizanda e outras danças antigas, ficam presos ao passado sem saber que a cultura evolui constantemente e que tem que dar lugar a tudo que é nacional e cultural.

E muitos desses tradicionalistas pensam que todos tem que seguir os seus passos sob o risco de serem punidos se não forem a favor das políticas tradicionalista deles. Se modernizar não é colocar de lado todo passado já conquistado pelo povo angolano que tanto lutou para conseguir se libertar do jugo colonial português, mais sim aderir a novas formas de brincar o carnaval em Angola, o que tem que ser feito com certeza é atualizar o mesmo e adequa-lo ao modelo moderno de se fazer.

O país depois da guerra civil começou a sofrer fortes transformações e assim também a sua população, as cidades deixaram de ser as mesmas e começaram a ter uma estrutura mais ocidental do que africana, avenidas cheias de edifícios, grandes supermercados, condomínios de luxo, vias rapidas e outras características de cidades que se transformam a cada dia que passa.

Esse crescimento da renda familiar faz com que os cidadãos angolanos se tornem seres intelectuais e mais atentos as mudanças da vida, tanto social como cultural, e isso faz desses jovens elementos ativos dessas mudanças, porque hoje no mundo em que vivemos e principalmente numa sociedade como a angolana em que consome muito o que é ocidental a modernidade já é inserida até nos nomes das pessoas, são muitos pais que hoje por conta da globalização e do modernismo ja não batizam os seus filhos com nomes africanos, querem nomes brasileiros e portugueses.

Nestes termos pergunto, onde estão os tradicionalistas que defendem que o carnaval angolano não pode se modernizar e que tem que continuar como sempre foi quando a

sociedade toda esta se modificando a cada dia que passa. Sem falar de outros rituais tradicionais de Angola que a cada dia se modifica também, como o pedido (noivado) óbitos (velório) e outras manifestações culturais.

Analisando a situação desse modo porque só o carnaval não pode sofrer alterações e outras manifestações culturais podem? O carnaval tem que acompanhar sim essa dinâmica modernista mais sem se esquecer das expressões e manifestações culturais do passado.

É certo a manutenção dos elementos mais antigos do nosso carnaval, a mistura das culturas de Angola, as sátiras nas músicas, e as lutas e os acontecimentos do dia-a-dia como marcas indestrutível da nossa cultura e identidade, ainda temos os grupos mais antigos que até hoje desfilam nos carnavais de Angola que faziam as suas representações para o Deus mar, o Deus das arvores representavam os seus ritos tradicionais e muitos dançavam uma mistura de danças como a varina, a kabetuta e outras mais, então é importante defender a modernidade do nosso carnaval mais sem se esquecer da tradição e dos nossos ancestrais respeitando os valores e a cultura deixada por eles.

Termino esse capítulo trazendo Santos como reflexão: “o carnaval é uma celebração da identidade, da prosperidade, da ostentação do poder de compra, das liberdades, da juventude, da provocação, e é acima de tudo, a celebração da tenacidade e da resistência” (SANTOS 2013, p.19 apud BIRMINGHAM).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade de um povo está na sua cultura. Podemos conceituar como tudo que é construído pelo ser humano. Inclui os mitos, símbolos, ritos, todas as crenças, todo o conjunto de conhecimentos e todo o comportamento. Portanto, conhecer e valorizar a nossa cultura são autoafirmações do que somos.

Do contrário, poderemos ser conduzidos por qualquer maré. Por exemplo, ser conduzidos pelo fenômeno da globalização (não considerando os valores do país) que busca homogeneizar as culturas locais a fim de controlar as nações do mundo com as doutrinas capitalistas. Este processo chama-se aculturação. Quer dizer, a infusão de uma cultura sobre outra a fim de acabar com a diferente.

Em modo geral a cultura é o modo como vivemos, sentimos, expressamos por meio de gestos ou por signos e símbolos nosso contexto social, ela implica desde nossa maneira de falar, vestir, portar-se e comer. As manifestações culturais expressas em determinada festividade, cultos, ritos, costumes, tradições e etc, são formas de expressões da cultura, da territorialidade e do modo de vida de determinada comunidade ou país.

Evidenciamos as expressões culturais que são entendidas como formas de resistência, nesse caso o carnaval de Angola a pesar da imposição envolvente da globalização esses habitantes procuraram evidenciar as antigas tradições e hábitos culturais específicos do local onde vivem para que os mesmos pudessem resistir ao esquecimento e à desfragmentação da pós-modernidade.

Assim sendo existe a importância de conhecer as próprias raízes. Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida, porque o futuro nasce do passado que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado, apenas precisamos ser legítimos e só as raízes nos dão essa legitimidade.

Entende que a vida tem mais sentido quando valorizamos a nossa identidade cultural, e quando conhecemos nossas raízes, de onde viemos, quem somos e como somos. É preciso conhecer o início de tudo para entendermos as mudanças culturais que ocorreram no passado e que estão ocorrendo no presente e que ocorrerão no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

(BLOG. MENDONÇA, ponte. **Introdução ao Estudo da História de Angola**, disponível em: <http://www.introestudohistangola.blogspot.com.br>, acessado em: 2/08/2014

_____ **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP e A Editora, 2011.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade. p.70-104.

BIRMINGHAM, David. *Análise Social*, vol. xxvi (111), 1991 (2.º), 417-429. **O Carnaval em Luanda**.

BLOG. Kimbo Lagoa **carnaval de Angola**, Lisboa, Terça-feira, 24 de Fevereiro de 2009, disponível em: <http://www.kimbolagoa.blogs.sapo.pt/61753.html>

CARDOSO, Roberto O- **caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: paralelo 15. 2006

GEERTZ, Clifford James. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony, 1938 - **modernidade e identidade** / Anthony Giddens; tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, Stuart. - **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. 1. reimp. – Rio de Janeiro 2011.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1970**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

PATRICIO, Ferreira M - **A identidade nacional num mundo intercultural**

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval Brasileiro: O Vivido e o Mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994)

SERRANO, Carlos - **Angola nascimento de uma Nação**/ 2008

SILVA, Tomaz Tadeu - **identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais** / Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10 ed - Petrópolis, RJ: 2011.